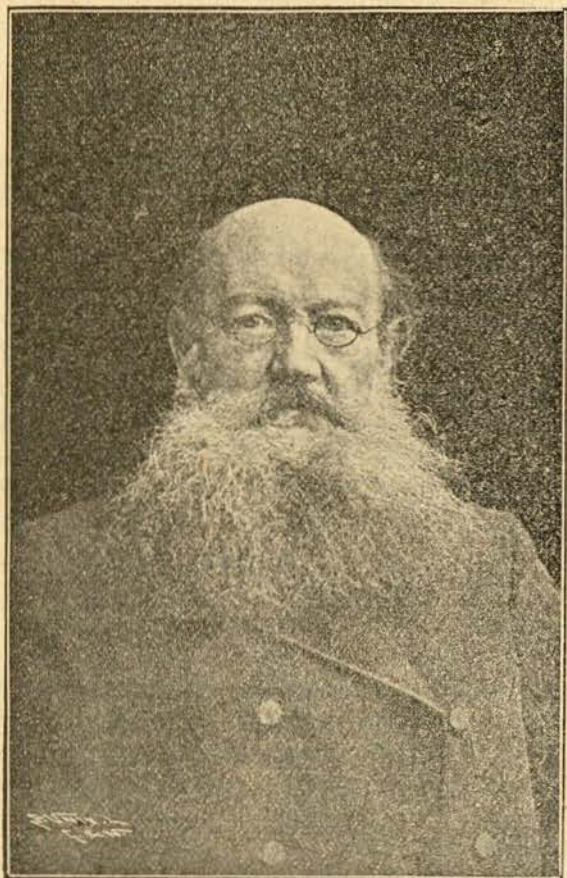
SERIE I — N.º 4 Maio de 1905

Luz e Vida

SOCIOLOGIA
ARTE
CRITICA

Mensário
ilustrado

KROPOTKINE

Os seus elevados dotes tornam-n'o particularmente apto para a acção na vasta arena publica, melhor do que nos subterraneos das sociedades secretas. Carece da flexibilidade de espirito, da faculdade de se adaptar ás condições do momento e da vida pratica, indispensaveis para um conspirador. E' um investigador ardente da verdade, um chefe de escola, mas não um homem pratico. Procura fazer valer a todo o custo certas ideias, e não trata de chegar a um fim pratico, valendo-se de todos os que a isso se prestam.

E' altamente exclusivo e rigido nas suas convicções theoricas; não admitte a menor transgressão do programma ultra-anarchico; e é por isso que tem por impossivel collaborar em qualquer dos jornaes revolucionarios escriptos em lingua russa, que se publicam tanto no extrangeiro como em S. Petersburgo. Acha sempre n'elles algum ponto de divergencia e, com effeito, nunca escreveu para lá nem uma linha.

O seu elemento natural é a guerra *em ponto grande* e não a guerrilha. Se as condições da nação lh'o permittissem, era capaz de ser o fundador de uma vasta reforma social.

Como agitador, não ha outro assim. Dotado de uma palavra facil e persuasiva, todo elle é enthusiasmo, quando sobe á tribuna. Tem a faculdade de se inspirar, como todos os que são verdadeiros oradores, em presença da multidão que o está ouvindo. Na tribuna transforma-se. Treme de commoção; a voz vibra-lhe com o accento de profunda convicção que não pode enganar nem ser fingido, e que só se sente, quando se falla não com a bocca somente, mas com todas as entranhas. Os seus discursos, com quanto se lhe não possa chamar um orador de primeira ordem,

causam immensa impressão; porque, quando a paixão toca tal extremo, tem o poder de communicar-se e de electrisar o auditorio. Ao descer, pallido e tremulo, da tribuna, toda a sala treme com os applausos.

Nas discussões em particular é terrivel, e sabe convencer e arrastar para a sua opinião, como poucos o sabem. Versadissimo na sciencia historica, especialmente em tudo o que se refere aos movimentos populares, serve-se maravilhosamente do vasto arsenal da sua erudição para esclarecer e reforçar com exemplos e analogias, muito originaes e imprevistas, as suas asserções. Por isso a sua palavra obtem uma força de extraordinaria persuação, força augmentada ainda pela simplicidade e clareza da exposição que lhe provem talvez dos seus profundos estudos mathematicos.

Não é um fabricante de volumes. Tirando os seus trabalhos puramente scientificos, nunca escreveu livro algum de grande importancia. O que elle é, porem, é um excellente jornalista: ardente, espirituoso, persuasivo. Conserva nos seus escriptos os dotes de agitador; a estas qualidades junta uma actividade surprehendente e tamanha destreza no trabalho, que até o proprio Elisée Reclus, tão activo como é, não poude deixar de se espantar.

E' sincero e franco a mais não poder ser. Diz sempre a verdade nua e crua, sem contemplação alguma, nem pelo amor proprio do seu interlocutor, nem por qualquer outra consideração.

Esta é a feição mais saliente e sympathica do seu caracter. Pode-se dar inteiro credito a quanto diz. Chega a ponto a sua sinceridade que succedendo-lhe ás vezes no ardor da discussão vir-lhe de repente ao espirito uma consideração inesperada que o faz pensar, subitamente se interrompe, fica um instante todo absorto em si e põe-se depois a pensar em voz alta, fazendo de arguente e defendente ao mesmo tempo. Outras vezes, faz esta discussão mentalmente; e, voltando-se depois de alguns momentos de silencio para o adversario attonito, diz-lhe sorrindo: Tem razão. Esta sinceridade absoluta faz d'elle o melhor dos amigos e dá um valor especial aos seus elogios e ás suas censuras.

KRAVTCHINSKI.

Bem-estar! Liberdade! Tal segue sendo o duplo objetivo a cuja conquista, torturada e sangrenta, se dirije a nossa raça, o objetivo que os clarividentes distinguem por entre as nuvens, que os mártires aclamam stoicos sôbre os cadafalsos ou da profundidade dos calabouços; o objetivo para o qual roda como um carro a avalanche das multidões, talvês inconcientemente, porém reclamando a altos gritos a vida, a luz. Cego o que não veja! surdo o que não oiça!

CARLOS MALATO.

Na sociedade atual, toda a autoridade é exercida, de amo a escravo, seguindo uma lei lógica.

Deus reina nas alturas, imperando no alto dos céus e delegando os seus poderes na terra ao mais forte, sacerdote ou rei, Hildebrando ou Bismark. Por baixo estão os sátrapas de todo o genero, governadores e subgovernadores, generaes e capitães, chefes e sub-chefes, presidentes e vice-presidentes, todos curvando a espinha ante um superior, todos inchando-se d'orgulho ante os súbditos: por um lado a adoração, por outro o desprêso, aqui o mando, ali a obediencia.

ELISEU RECLUS.

NA CADEIA

E' êste o titulo do nôvo livro de Máximo Gorki que, editado pela casa Juven, de Paris, deve mui brevemente saír dos prélos. Néssa obra, cujo aparecimento é desejado com uma verdadeira sofreguidão, descreve Máximo Gorki as impressões que lhe sugeriram os últimos acontecimentos de São-Petersburgo que, como é geralmente sabido, déram motivo ao seu encarceramemto. Devido á inolvidavel amabilidade do ilustre tradutor da obra, M. Serge Persky, é-nos dada a suprêma honra de, ainda antes do «Na cadeia» sêr dado a público, estamparmos em «*Luz e Vida*» um dos seus melhores capítulos, em pálida mas tanto quanto possivel fiel tradução. Micha Malinine, cuja prisão nêle se descreve, é o pró-prio Gorki, que, assim, superiormente se auto-biográfa:

I

O tempo estava húmido e gelado; por cima da cidade pairavam, imóveis, nuvens cinsentas, aborrecedôras; uma chuva fina caía, envolvendo as ruas numa cortina embaciada. Mantida por um cordão ininterruto de polícias, uma multidão compacta de homens e mulheres marchava lentamente sôbre o lagêdo humedecido, roçando pelos muros frios das casas; ao de cima déssa multidão flutuava, indeciso e impotente, um ruido vago e surdo.

O rôstos iam taciturnos, os queixos fortemente apertados, os olhos tristes conservavam-se para o chão... A's vezes, alguem sorria vagamente; uma vós chasquiava ousadamente, para tentar diminuir o sentimento geral d'impotencia tão pesado e tão humilhante, que reinava. Por vêses, retinia um grito de revolta rápido abafado, brando e hesitante; dir-se-ia que aquêle que o soltára se interrogava se éra êsse o momento de se revoltar ou se já éra muito tarde.

As caras fatigadas dos policias iam cuidadosas, irritadas; outras, sorridentes, como esculpidas em madeira.

As finas gotinhas de chuva sintilavam sem brilho sôbre os barrêtes e os bigodes. E, sobre o této das habitações, o céu pardacento e impassivel pesava, impregnado duma humidade gelada; com os densos flócos de neve viscosa, uma angustia decia lentamente sôbre éssas gentes vencidas sem combate.

— Empurrai-os para o pátio! grita uma vós enrouquecida. Os agentes de policia obedecem com rudêsa, e, semelhante a um rebanho de carneiros estreitamente apertados uns contra os outros, a multidão escoa-se, numa sombria torrente, para o pátio. Os protestos retinem mais violentos, mais nervosos; curtas exclamações de raiva se fasem ouvir e, nas voses agudas das mulheres, sentem-se tremêr as lágrimas.

Um sólido e jovial mancêbo, Micha Malinine, estudante de primeiro ano, achava-se no meio da multidão e, com seus olhos ingénuos, olhava com compaixão as faces lívidas, nervosas ou desconcertadas dos que o cercavam. Os gritos das mulheres, os risos bruscos, o murmúrio surdo que se elevava dos grupos, comoviam-no. Arquejante, cheio dum sentimento de vergonha, quasi a chorar de raiva, tratou de se abrir um caminho para se ir esconder em qualquer canto do pátio onde podesse estar só! Umas pequeninas mãos tenases puxaram-lhe com fôrça pela manga do casaco; e viu, diante dêle, um rôsto pálido, de grandes olhos húmidos.

Esse rôsto, molhado pelas lagrimas ou pela chuva, virava-se para êle, e uns lábios dum vermelho ardente, convulsivamente cerrados, murmuravam numa vós vibrante:

— Eu... não quero ir mais além!... Não... não o posso, nem o quéro! Empurrou-me com fôrça... e não tem direito a... diga-lhe...

A rapariga parou, ofegante, levantou a cabeça e madeixas nêgras em revolta se lhe espalharam pelas faces húmidas e pela testa alta e branca.

— Ele não tem ésse direito, exclamou, a sua vós dominando súbitamente o barulho. Agitou a mão, ergueu-se como movida por uma móla, e os seus olhos sintilaram.

Então, no peito de Micha um fogo flamejou tambem, correu ao longo de suas veias em ardentes jórros que devoraram a sua vergonha, cegaram, por um instante, os seus olhos e encheram o seu coração duma audácia violenta e jóven. Micha lançou-se á frente, — a massa nêgra fendeu-se ante êle como a lama diante duma pedra que cái — chegou ao pé dum hómem d'alta estatura, vestindo uma peliça acinsentada, e gritou-lhe, numa vós cortante:

— O snr. não tem direito a batêr!

— Ah sim! E quem foi que lhe fês mal? replicou o homem cinsento com um gesto d'enervado.

O seu rôsto fatigado, de bigodes ruivos, teve um geito desdenhôso, e continuou, pousando a mão na espádua de Micha:

— Peço-lhe uma coisa... vá-se embora!

Micha viu o gesto e sentiu, em seu coração, a picadéla aguda do ultrage:

— Não irei tal! exclamou com furôr. Não lhe obedecerêmos. Nós não sômos animais! Basta de violencias!

Todas as belas e fortes palavras que êle tinha ouvido pronunciar sobre a liberdade, a dignidade hnmana, irrompêram de seu coração numa torrente de chamas. Os outros escutavam-no e a cólera ia-os tomando pouco a pouco. Embriagado pelo som das próprias palavras, aturdido pelo turbilhão confuso dos gritos, Micha saltava por entre a multidão como uma faúla numa nuvem de fumo, sem mesmo reparar que éra agarrado, que éra arrastado. Ao voltar a si encontrou-se numa carruagem: compreendeu, então, que éra condusido ao pôsto. Com os seus grandes olhos abertos, aspirava o ar com avidês, e estremecia, cheio duma excitação sã e alegre, sem tomar conta do que tinha acabado de se passar. Ao lado dêle e segurando-o pela cinta, estava sentado um homem nôvo, em cuja face direita se via uma cicatris; éra o comissário de policia do bairro. Tinha um ar aborrecido; com os lábios fortemente apertados, piscava os olhos e levava constantemente a mão esquerda á cara.

— Aonde me leva? interrogou Micha num tom afável.

— Ao pôsto, respondeu o comissário sem descerrar os dentes.

E os lábios contrairam-se-lhe numa expressão de sofrimento.

— Alguem o... maltratou? informou-se Micha com compaixão.

— Dôem-me os dentes... que diabo! rugiu o homem dando um murro nas costas do cocheiro. Depois, gemeu, numa vós histérica e furiosa:

— Vá! vamos mais depressa! Que os infernos te engulam!...

O cocheiro, um vélhinho tôdo branco, virou para êle o rosto coberto de rugas e, semi-cerrando os olhos vermelhos e lacrimosos, respondeu com o ar o mais amavel:

— Havêmos de chegar a tempo, excelencia... Na cadeia não é como na igreja: nunca se chega tarde...

— Deixa-te de replicas... Ou andas... ou eu te... — sibilou o comissário.

Assustado, o cocheiro puxou pelas rédias e murmurou, dirigindo-se ao cavalo:

— Vamos! corre, meu amigo. Olha que têmos pressa.

Na rua, assombriada por um nevoeiro espêsso, viscoso, passavam perfis vagos que pareciam perdidos néssa obscuridade húmida e pardacenta. Os tramways rolavam com rangidos ensurdecedôres, faíscas asuladas chispavam d'entre as rodas, e, no interior, divisavam-se sombras imóveis. O embate das ferraduras, fatigadas sôbre as pedras da calçada, tilintava continuamente; os fogos amarelos dos reverberos acendiam a chama confusa e, sem nada alumiar desapareciam, engulidos pelo mar imóvel do nevoeiro gelado. As rodas cobertas de borrocha da carruagem saltavam vivamente sobre a calçada desigual; no peito de Micha, alguma coisa se pôs tambem a palpitar num estremecimento débil e desagradavel; mas, ao mesmo tempo, subia docemente em si o pensamento do dever cumprido.

A' entrada do pôsto, um homensinho, cinsento como o nevoeiro, dis, numa vós rouca e indiferente:

– Olá! têmos por cá mais um! O caso é que já não ha logares... E veiu ordem de os condusirem dirétamente á cadeia...

Que o diabo os leve! gemeu o comissário.

E, virando de repente a cara para Micha, a sua cara deformada pelo sofrimento, exclamou, num tom de censura:

– Ora aqui tem o senhor estudante...

O snr. dis que é pelo pôvo... E... um homem doente é obrigado a acompanhá-lo... apesar de tudo...

E, voltando-se com vivêsa, gritou ao cocheiro:

– Para a prisão provincial...

Micha sentiu vontade de rir; mas, não querendo ofendêr um homem que sofria, conteve-se, calou-se por um momento, depois arriscou, num tom cortês:

– O snr. devia usar a criosote...

O comissário não respondeu. Só perto da cadeia, ao decêr da carruagem, é que exclamou com tristêsa:

– Tambem experimentei já a criosote... mas não valeu de nada... Entre, faça favôr.

II

Não havia outro logar vago na prisão, e Micha viu-se encerrado numa pequêna cela destinada aos criminosos. Um carcereiro velho de pêra aguçada, olhos imóveis e incolôres, fechou com estrépito a porta espéssa e suja, e, inclinando-se para o postigo redondo que néla se via, falou como num porta-vós, numa vós surda e egual:

– Se precisar d'alguma coisa, chame. Eu estou ali. E desapareceu silenciosamente, com um rato.

O môço seguiu-o com um olhar interessado e pôs-se a examinar o aposento. Éra um quarto comprido e estreito; á esquêrda, perto da porta, adiantava-se o fogão num enorme triángulo; ao lado alinhavam-se leitos de campanha, porcos e dobrados, em número de quatro. Ocupavam toda a largura do aposento, até á alta janela, provida duma sólida grade de ferro, comida de ferrugem... Entre as camas e a parêde da direita, havia um espaço vasio, da largura aproximada dum metro; afóra as camas, nada absolutamente havia nessa cela emporcalhada e triste. A abóbada de pedra, cheia de fendas, curvava-se em arco obtuso, descendo do lado esquerdo até quasi ao nivel das camas, dando assim ao aposento a forma extranha dum hemisfério, dividido em duas partes iguáis. No ponto mais elevado da abóboda, perto da parêde da direita brilhava uma lámpada elétrica coberta de pó, que alumiava as paredes ornadas de mascarras, de persevejos esmagados e d'inscrições.

Por cima dos leitos, perto do fogão e provavelmente traçadas por meio dum

prego, alongavam-se colunas d'algarismos, que alguem havia adicionado, dividido e multiplicado para enchêr o vasio dos dias ali passados e lutar contra o fastio da solidão. Mais perto da janela, sóbre o amarelo sombrio duma nodoa, alinhavam-se, em letras grandes, as linhas seguintes:

Nós somos dois Apaches de Viasma.
Iamos juntos pelo mundo fóra,
Roubando aqui dés reis, dés reis ali,
Para comprarmos um bocado de pão
Que chupássemos num ái.

Micha sorriu e a si próprio pergnntou o que significariam aquêlas últimas palavras.

Sem dúvida que «comêr com avidês», devorar, – decidiu êle, olhando de perto as fiadas de lêtras, divertertidamente exparsas na parede. E afigurou-se-lhe que os dois Apaches deviam têr sido uns puros folgasões, prontos para tudo, esfarrapados, sempre meios esfomeados, mas nunca tristes; sem mêdo de nada, teriam rodado de cidade em cidade, roubando alguns dés reis, quando podessem, e vivendo assim, á semelhança das aves de rapina, entre os hómens... Micha releu ainda uma vês os versos. Éssas parédes maculadas interessavam-no; pôs-se a rir...

Um arrastar de passos fês-se ouvir por trás da porta e uma vós surda perguntou, colérica:

– Que é o que tem?

Micha estremeceu e voltou-se: um ôlho frio e imóvel olhava para éle pela ebertura do postigo:

– Chamou-me?

– Não...

– E então, que ha? perguntou o ôlho.

– Nada... Estou-me a rir, disse Micha.

O olhou lançou um rápido olhar em roda; depois uma vôs irritada, como a d'alguem a quem se insultou, saíu do corredôr:

– Nêste logar não se ri...

– E' proíbido? perguntou Micha com inocencia.

Ninguem lhe respondeu. Um ruido de voses chegou até êle, misturado com tilintações metálicas de correntes, o que produsia um barulho confuso a que Micha não prestou ouvidos. Tornou a vêr mentalmente a longa face magra do carcereiro os seus olhos redondos incolôres, as suas sobrancelhas brancas e irregulares cobrindo uma testade péle amarela e enrugada.

– Fedka! criatura imunda! gritou alguem no corredôr.

Depois estalaram risos; alguem passou correndo e arrastando os pés pesadamente.

– Estai socegados, malditos que vós sois! ralhou uma vós rude.

Micha suspirou e pôs-se de novo a lêr as inscrições.

(Tradução de *Ângelo Jorge*).

MÁXIMO GORKI.

Todas as superstições tardam em morrêr, – tal é a regra, e muito nos arreceiamos de que a fé na onipotencia do governo não seja a sua exceção.

HERBERT SPENCER.

"PARA a MINHA FILHA„

(EXCERPTO)

II

Tu foste, já no mundo, uma outra vida
Numa forma diversa da que vejo:
Eterna força ideal desconhecida
Que sae na flôr, no extasis um beijo.

Perfumaste (quem sabe?) as tristes rosas
Que em antigos jardins, tristes, se erguiam,
E andaste já nas falas misteriosas
Que as sereias em tempos se diziam...

Amaste já num seio de andorinha,
O quente sol estonteador e bello;
Alma de luz, andaste já sosinha
A' procura da luz do setestrello...

Sêr infiníto e eterno, caminhaste,
Tens caminhado sobre o Riso e a Dôr:
Agora, sempre força, germinaste
Num corpo, aos beijos dum humano amor!

E porque tudo quanto a Natureza
Nos mostra livremente, á luz do dia,
E' perfeição e harmónica beleza,
E' madrugada e vida e harmonía;

E porque neste abraço que te estreita,
Que doidamente te acarinha e prende,
Eu sinto, minha filha, que és perfeita,
E que um amor no teo olhar esplende;

E porque eu sinto em ti a vibração
Do revoltado sangue que te fez,
E' que eu busco formar teo coração,
Para que sejas toda-a-vida o que és!

Para que sejas sempre o mesmo ser
Como o que um ventre te gerou amando;
Para que possas, meo amor, viver
Conforme a vida, sempre livre, andando!

Porque eu não posso crêr que dentro em ti
Haja algum sôpro mau de condenado,
E que n'essa boquinha que mal ri,
Exista o germen negro do peccado!

Levar-te á Egreja? para quê—dizei
Almas escuras que penseis em tal,—
Se no primeiro beijo que te dei
Te disse que não fosses pelo mal?

Levar-te á Egreja, ao tumulo da vida,
A ti que és força radiante e bella,
E' q'rer levar á treva de vencida
A luz ardente duma ardente estrella!

E' q'rer levar a tua alma ousada
Que hade ser livre como a Natureza,
E deixa-la ficar acorrentada
A um poste de ignominia e de baixeza.

N'essa *agoa-benta* que te dessem, q'rendo
Lavar-te de impurezas que não tens,
Ha todo um insulto, meu amor, horrendo,
Ao carinho santissimo das maens!

E esse latim nocturno que escutasses,
Que quer ser bello e que não pode se-lo,
Faria que mais tarde não olhasses
Com olhos bons o amor com te velo.

E toda a scena dum burlesco enorme
Que assim acompanhasse o baptizado,
Ia afogar a força que em ti dorme
Dizendo-te que és filha do peccado!

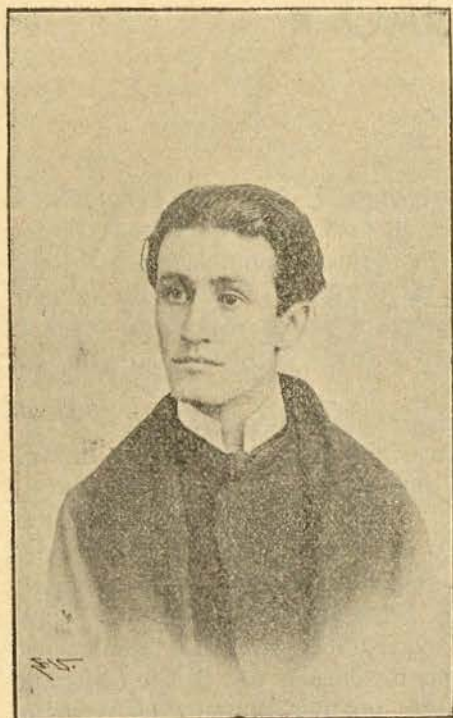
Porisso não irás, mínha inocente,
A's mãos do padre para te benzer:
Has-de viver, crear-te honestamente,
Sem teres mentiras que te vão prender!

Na justiça dos homens educada
Tu poderás amar a claridade,
E encontrarás já prompta a tua estrada,
A estrada do Amor e da Verdade!

ALFRÊDO PIMENTA.

Para a minha filha, notavel poemêto do nosso ilustre camarada e efétivo colaboradôr, Alfredo Pimenta, acha-se no prélo, prestes a saír a público—boa-nova para todos os ledôres de *Luz e Vida,* em quem Alfredo Pimenta encontra a franca simpatia que é devida a quem, com talento e honestidade, tão alto lida pelo grande Idial de Justiça. Obra de combate, de justiceiro combate, e, ao mesmo tempo, obra d'alma, obra de verdadeiro poeta, *Para a minha filha* alcançará, sem dúvida, um belo triunfo entre todos os homens d'espírito livre e conciencia rećta.

N. DA R.

Campos Lima

Conheço este nome desde os meos longinquos tempos de colegial. Ouvia falar n'elle como dum homem damnado que fazia diabruras ao beaterio de Braga e que guerreava os seminaristas da mesma terra. Desde o primeiro dia em que ouvi cita-lo, fiquei sempre com a impressão nitida de que era um revoltado. Ha mezes que o conheço intimamente. E tantas afinidades lhe encontrei, tantos pontos de contacto lhe descobri, que sou hoje seo amigo, e amigo para sempre. Porisso posso dizer alguma coisa sobre elle. O prisma da amizade não empana, em mim, os defeitos, nem amplia, em mim, as boas qualidades: mostra-me uns e outros mais claramente, mais definidamente.

A obra humana de Campos Lima se intellectualmente é pequena, praticamente, em acções, é profunda. Elle é sempre o mais ousado, o mais crente em tudo quanto concorra para o seo ideal. Aqui, em Coimbra, é elle sem duvida de nós todos, o mais fervoroso propagandista, o que mais trabalha, o que mais espera. Atrás da sua idéa, caminha sempre ao encontro de todas as contrariedades, confiando sempre na sua força, esperando sempre o seo triunfo. Eu mesmo lhe devo muito na minha ação; a elle devo o estar em propaganda activa. Elle é o ultimo a desesperar. Sentimental como os meridionais, lamenta-se por não poder entrar em actos de violenta restituição social. E por isso elle é maior que todos na propaganda pacifica, na que tem por intuito a regeneração moral, a sublevação das consciencias e dos cerebros. Nervoso, todo elle é enthusiasmo pela Verdade e transmite-nos esse enthusiasmo a nós que o conhecemos, que sabemos quanta sinceridade ali ha, quanto amôr alli se abriga. Da sua intellectualidade ha provas no seu opusculo *Nova Crença* onde se mostra a sua profunda cerebração, o seo estudo.

Anarchista intransigente, sabendo que só na Anarchia está a Liberdade e a Paz dos Homens, elle tem suportado todos os sacrificios, altivamente, como poucos.

E' de homens assim que nós precisamos: homens sinceros que, amanhã, na vida publica afirmem as suas idéas com toda a crença e toda a fé. Campos Lima, — conheço — o bem para poder afirma-lo — será sempre, em toda a vida o defensor da justiça, o paladino da Anarchia. Elle é dos poucos que podem dizer como V. Hugo:

«Si l'on n'est plus que mille, eh bien, j'en suis! Si même
«Ils ne sont plus que cent, je brave encor Sylla;
«S'il en demeure dix, je serai le dixième:
«Et s'il n'en reste qu'un, je serai celui là!»

ALFRÊDO PIMENTA.

A EDUCAÇÃO

A marselheza enthusiastica e febricitante que entoam os poetas a favor dos operarios e dos coveiros perde-se, como um rosario de notas, pelas quebradas. O dia da confraternação universal, em que todos os homens ham-de conquistar a vida, em que desapparecerá a fome e a treva; o dia fecundo da Justiça — o respeito do homem pelo homem, e da Anarchia — a independencia da alma; o dia da realeza do povo, é quando o povo souber o que vale e responder com verdade consciente ao grito da revolta.

Que isto, por agora, não passa dum feio espreguiçamento universal...

A educação é falsa desde o berço. A creança ou vegeta na mansarda ou vai á escola aprender as lettras mortas dum livro e os algarismos safados dumas contas. A sua moral é um cathecismo - em que se diz que ha Ceu e Inferno (o imperio e a escravidão eterna) — e a sua alma educa-se na egreja onde se infunde um temor ridiculo ás chagas dum crucificado, uma adoração neurasthenica ás setas de prata duma Virgem, em que pregam fanaticos, arregimentados pelos lucros das missas — Deus feito officio —, com amantes ou desfigurados pela sequestração sexual. A canalha infantil ouve, ás comidas, os berros e as descompusturas malcreadas dos pais, é obrigada a sorrir ao rico qne paga a libras ou a notas de cem mil réis a honra das irmãs e vai de romaria pelas tabernas á busca de alcool fiado. Apanha pontas e fuma-as.

E' marceneiro, carpinteiro ou trolha. Tem a aspiração do domingo — que é a pandega. Paga ao Estado e ao Orago.

O menino opulento encerra-se num collegio onde se apulhisa, ou prostitue-se num lyceu. Conhece Napoleão e a capital da Russia, a philosophia de Costa e Almeida. E' este o medico, o advogado — que accusa e defende o roubo, o assassinato e vadiagem. E' este o pai continuador da raça, o que decreta leis, o ministro de estado e o presidente da republica.

A mocidade arrasta-se tam por baixo que se honra em cursar as Escolas do Exercito — a escola do humicidio e da pirataria. O governo, diz Ruskin, não manda matar, manda morrer. Não obriga ao assassinato, força ao suicidio.

Defender uma nação é atacar todas as nações existentes.

Um exercito quando passa esmaga as pedras da calçada e essas pedras são a vida de milhares de homens. E, porque é assim, succeder-se-ha a infamia e enthronisar-se-ha o roubo.

Para que a intelligencia seja robusta, a alma carece de ser perfeita. A perfeição vinga-se pela moral e esta está no lar. A familia é a instructora. O professor regio e official é um amanuense que pode perceber muito dos livros adoptados, mas cuja consciencia está afogada na galopinagem do suffragio.

Mães, ensinai vossas filhas, e vós, homens, dai uma alma ao barro. Nas viellas canta ainda a tolerada, no exilio pena o malfeitor. Amanhã será o dia da luz.

A pedagogia é uma sciencia falsa. Systematisar numa coordenação de principios discutiveis e variados com os meios e as raças, o estado actual e o para que se marcha, o ensino, é despi-lo de todo o interesse absolutamente independente que deve ter e sujeita-lo ao mister de sciencia — o alarde dos expositores numa fancaria impressa e afidalgada. A educação dispensa o professor para requerer o mestre; o edificio proprio, com tantas janellas, a fachada de estylo, o vestibulo arejado, o archeiro estupido, troca-o pelo lar.

A escola, que é dependencia do estado, especie de secretaria annexa ao minis-

terio do reino, que cria a burocracia magisterial, que tem suas horas fixas de funccionamento, os estatutos irreflectidamente elaborados por politicos ou homens sem capacidade, que mistura os temparamentos numa prosmicuidade a que cada um se furta pela solidão, que crusa os caracteres e desmolda as tendencias tradiccionaes, preconceitalista nas bancadas e nas cathedras, no silencio, na disciplina, pautadamente burgueza, deve destruir-se.

E' tão perniciosa como a penitenciaria e tão inmunda como ella. O sangue não se tempera pelo ferro, o espirito não se completa pelo lente. As universidades sam fabricas de desgraçados. A exportação enorme, o credito desegual — ralham os jornais e todos sonhamos em dar-lhe o primeiro filho. Multipliquem-se e a fome alastra, a ignorancia doutora-se e, se é verdade que o mercado dos livros emprenha e as luvarias se regalam, não é menos certo que os estados, os governos, as grandes casas e os homens activos encontram a dificuldade pesada de distribuir inteligencias preparadas e empacotadas para os mais ridiculos e phantasticos lugares.

Todas as coisas officiais, como todas as reformas de classes e revoluções de principios, têem o mau olhado de estabelecer a consequencia fatidica da hierarchia social. Quando o ultimo fidalgo pelintra foi escarnecido por flanar pela galeria nobre do seu palacio, a figura alta e magra, os cabellos distinctamente brancos, uma cigarrilha havana nos dentes, prescutando até que rei-godo accenderia o seu sangue, o mercieiro recusava a filha ao artista e ao operario porque os seus milhões levantaram o orgulho do oiro. A reforma deu na insignificancia de mudar a posição social das veias para os bolsos.

O conceito, que é eterno, verifica-se nas escolas publicas superiores. Ser ou não ser bacharel formado, ser ou não ser medico, ser ou não ser advogado — eis uma duvida hamletica, não pelo trabalho ou pela ociosidade que podem traduzir, mas pelo caracter social pulhamente *haut-gomme* que significa.

A hierarchia academica cria o despotismo e a humildade silenciosa, o cabula e o emerito, o que pode, á força de empenhos, a rivalisar com o que quer pelo talento e pela virtude.

Esta deseguáldade dá á escola o tom jesuitico do convento ou do collegio onde formigam as obscenidades, onde o cerebro se apaga na linha regulamentar do comportamento, onde as noites sam eternas e a mais pequena faisca de genio atemorisa como fogacho de revolta. O estudante que pensa é um criminoso, o que decora um talento; o trabalho mede-se pela capacidade mechanica da memoria, o esforço reduz-se a descer o pensamento á definição arida e estulta que descende de Aristoteles, que se modifica no encyclopedismo, que se radica basilarmente na revolução francesa, que se corrige e aperfeiçoa e brune na litteratura calma dos expositores — o pão nosso de cada dia do mestre e do discipulo. Decora-se o principio e o facto, sem a anatomia intellectiva que comprehende e toma de cada um o preceito velho e sem a investigação que discute e cadaverisa, resalta ou anniquíla o incidente da vida popular e o colloca nas circumstancias, no meio, na *temperatura moral* de que germinou.

A escola, nivelando no programma scientifico, na lei organica, na concatenação de palavras em artigos e paragraphos, o ensino, determina a reducção das intelligencias a quatro ou cinco campos — que a mocidade adopta inpensadamente, irreflectidamente, por não desgotar os pais ou os tios, a noiva ou a creada, porque julga que esse é o seu futuro —, canalisa a actividade para um fim que tanto pode ser a carta de bacharelato como o requerimento de ganha-pão, fomentando assim o desiquilibrio da sociedade, a perda da energia individual, o desapparecimento da expontantedade creadora, porque se entendeu que todos nós deviamos ser ou merceeiros sem lettras ou medicos sem noções rudimentares de justiça. E, por este modo, qualquer cerebro que possa emprehender na sciencia mechanica, por exemplo, um futuro de revolta, de conquista e de belleza e que, por outro lado, não tenha a força exigida á

applicação dos textos da medecina ou das linhas vagas e afeiticeiradas da philosophia, fica improductivo. Ou se rebaixa a uma condicção servil de engenheiro, sem trato social acceite pelo preconceito, com noções theoricas como quer amanhadas, mal posto no seu campo e aborrecido da vida, ou despresa a dignidade e se entretem na prescutação do que, por absoluto, lhe é vedado. Os governos e os homens concordaram em que o primeiro estabelecimento scientifico dum paiz é aquelle que habilita para isto e para aquillo, os cerebros revoltaram-se, a educação desegualou-se. A escola é a mina da actividade humana.

Eu não sei se o homem nasceu para o soffrimento. O que é a Vida? E a Vida é o fim do homem.

A educação não pode deixar de se iniciar na moral porque a moral é a Verdade e a Verdade é a Vida. A escola – regimen cathedratico e separatista, orgão do estado e como elle entregue ao primeiro que se apresenta com boas cartas de empenho e como elle degenerado e faminto – é falsa por que a illustração que fornece é desmoralisante e hypocrita.

EDUARDO D'ALMEIDA.

AS CADEIAS

Quem mandou os teus ferros encruzar?
O' jaulas da Miseria, amaldiçoadas,
sob o Azul onde passam a cantar
tantas aves felizes, libertadas!
Quem mandou esses muros levantar?

Cruel destino o homem tem na Terra!
Condemnado da Vida assim ficou...
Para que fim? para cavar a terra?
Quem foi esse culpado que o lançou
n'esta feroz e fraticida guerra?...

Quem ensinou o homem a matar?
O' antigo ladrão, velho soldado,
que, com as armas tentas derrubar
teu irmão!... ó vadio, ó scelerado,
quem te ensinou, soldado, a assassinar?

Mendigos que passaes esfarrapados
entre o luxo da Moda que scintilla,
quem vos fez sobre a lama uns desherdados?
Em vez de comer pão comei argilla,
ou cantae n'essa grade, encarcerados!

Pelos seculos fóra, tristemente,
Humanidade torpe e bestial,
tu caminhaste, cega, indifferente,
e as Civilisações, perfidamente,
deram-te o egoismo – o inferno universal!

O' Civilisações, vós cahireis!
Tu, Liberdade, ó doce mãe querida,
mette n'essas prisões quem fez as leis,
por que só tu é que és a lei da Vida!
O' tyrannos, ó despotas – cahireis!...

CASTRO ALVES.

A LIBERDADE E A VIDA

> Tu, Liberdade, ó dôce mãe querida...
> . . . .
> Porque só tu é que és a lei da Vida!
>
> CASTRO ALVES.

E a Liberdade é, de facto, a mãe da Vida. Onde a Liberdade cesse, a Vida paralisa; onde a Vida se alteie em toda a sua plenitude, é que aí a Liberdade impéra em toda a sua grandêsa. Não póde concebêr-se a Vida — a Vida na sua mais alta expressão, a Vida plena, integral, — sem a Liberdade, nem a Liberdade sem a Vida. Porque elas dependem-se mutuamente como a agua depende do hidrogénio e do oxigénio, ou como a Fôrça depende da Matéria. Não ha Fôrça sem Matéria, nem Matéria sem Fôrça; não ha Liberdade sem Vida, nem Vida sem Liberdade. Pois que é a Vida, a Vida humana?

E' tôdo o conjunto de fenómenos que ligam o hómem á Naturêsa de que dimana, ao Universo de que é átomo.

E que é a Liberdade? E' a faculdade que o homem têm de agir, em harmonia com os fenómenos que o determinam, que o fasêm agir.

Tirai, pois, ao hómem ésta faculdade, e o hómem colocar-se-ha em conflito com a Naturêsa, e o homem deixará de vivêr ou viverá mal. O sêr humano é um átomo, uma parcela mínima no centro do Universo; áge, pois, em harmonia com os fenómenos que regem o Universo. Dêsde o fenómeno da atração universal até ao da alimentação ou ao da circulação do sangue, tudo fás fôrça sôbre êle, tudo o fás obrar désta ou daquéla fórma. Tirai-lhe, pois, a faculdade d'agir, d'obrar — ou seja: de vivêr — após têr sido movido, determinado por algum dos fenómenos que o prendem ao Universo, e aí tereis a Vida entravada, destruída ou dificultada.

Por isso as únicas leis aceitaveis, viaveis, porque são as únicas necessárias, imprescritiveis, são aquélas que o hómem, mercê da experiencia e da observação, colhe dos fenómenos da Naturêsa de que dimana e a que está eternamente ligado. Para um hómem que tem fome, a única lei a respeitar é ésta: — comêr. Para um homem fatigado do exercício físico, a única lei a observar é esta: — repousar.

Porque os fenómenos da nutrição e o da reparação das fôrças são condições *sine qua non* da Vida. Roubai a um hómem fatigado e esfomeado a faculdade de se alimentar e a de repousar, ou seja: coartai-lhe a liberdade de, após têr sido determinado a tal, agir de sorte a alimentar-se e a reparar as forças, e a vida dêsse sêr perecerá, cessará.

E porque a Liberdade não existe nem pode existir com a escravidão moderna, com a dominação e a exploração atual do hómem para e pelo hómem, ou seja: porque o hómem não têm, nêste regimen, a faculdade de, após têr sido determinado a tal pela Naturêsa, agir de sorte a bem conservar e bem condusir a vida, — por isso é que, d'ést'árte, se não chega, sequer, a vivêr. O que, vulgarmente, chamamos «a nossa vida», não passa, afinal, de vagarosa consunção destruidôra. Um lento suicídio forçado — nada mais.

O hómem não pode, porém, tirar um só átomo que seja ao Universo moral ou material.

A Vida é necessária; ninguem a extingue, seja muito embora rei, papa ou imperadôr o que a tal se abalance. E porque a Liberdade é a condição primária da Vida, e porque a Vida é inextinguivel, é que tudo quanto se oponha á Liberdade e, por consequencia, á Vida, tem, fatalmente, de ser esmagado.

ANGELO JORGE.

Compagnons, le vieux monde bouge!...

Compagnons, le vieux monde bouge,
Marchons tous la main dans la main;
Le grand Soleil Rouge
Brillera, brillera demain!

(*«Le Soleil Rouge»*)

Por toda a parte o *velho mundo treme*, numa constante, tenacíssima agitação contra os Revoltados que, mercê de táticas diferentes, próprias de cada temperamento, tentam deita-lo por terra para que se afunde, enfim, totalmente e dê logar a um mundo novo e regenerador; sim, o velho mundo burguêz, aristocrata, capitalista, autoritário, militar e clerical, creador d'ignomínias e d'abjeções de todo o género, continúa as suas perseguições, as suas vilanias, as suas baixesas, as suas infámias, os seus crimes, a sua educação estupida inútil, complida e errónea.

Do fundo das cadeias lamentos e imprecações mil se elevam, desbordantes; milhões de desgraçados estoiram de miséria; as mulhéres para viver vendem o corpo (em lugar de o *darem* conforme á *natureza*); o povo sucumbe sob o fardo dos impóstos e encargos; e o operário, carne de máquina e de canhão, segundo os casos, sustentador de parasitas, sofre e geme, curvado sob o jugo patronal!

A' Mentira Social, permanente e organisada, declaramos, pois, guerra sem tréguas! Entramos na liça decididos a destrui-la por todas as possiveis manifestações de Revolta legitima, porquanto ardemos em sede insofrida de *Luz e de Vida*, de Verdade e de Harmonía, e fartos estamos já de desempenhar papel de resignados, de sempre chorar e sempre sofrer; decididamente, levantámos a fronte para sacudir as cadeias que nos prendem, esmaga-las por uma vês, e instaurarmos o regimen de Liberdade e de Alegria que ha tantos, ha tantos anos visionámos...

Nada mais nos resta, Camaradas, que o selarmos a aliança de todos os Revoltados, o reunirmos em uma só todas as forças revolucionárias dispersas, o realisarmos a *entente* entre todas as facções libertarias, afim de eficasmente podermos combater a Autoridade e suas escóras, destruirmos o parasitismo social – raça infame de ladrões e d'assassinos organisados em associação – e tentarmos dar eclosão a um mundo melhor, mais em harmonia com nossas, tão legitímas, aspirações de verdade, de pureza natural, de felicidade.

Marchêmos todos de mãos dadas: comunistas, individualistas, anti-scientíficos, espiritualistas, cristãos e outros; ponhamos de banda toda a preocupação de séctarismos, acolhamos com jubilo a todos os que aí andam *mas não são resignados*, e que, como nós, pretendem atacar a iníqua sociedade civilisada, despedindo-lhe sem cessar os seus rudes golpes impiedósos.

Ponhamo-nos todos a caminho, sem delongas. Ha, bem á vontade, obra para todas as vontades e todas as inteligencias. Os escritores devemos pesar bem as conclusões dos pensadores e abrir, com seus gestos viris, estrada larga no sentido de suas aspirações.

Companheiros! *o grande Sol Vermelho ha de brilhar, ha de brilhar em breve!* Já do monturo da Iniquidade social principia de desabrochar a rosa encarnada (tinta do sangue dos trabalhadores) da Anarquia, batida pelos primeiros raios do sol aquentador que lá ao longe vem surgindo – o grande, o imenso Sol Vermelho, gerador de Luz e Vida!

Paris - 1905. HENRI ZISLI.

NOTAS DO FIM

PUBLICAÇÕES:

O Encoberto, de Lopes Vieira – Que é o «Encoberto», êsse que ha constituido o têma d'obras firmadas por nomes de mérito álêm do comesinho, como seja recentemente ainda, o livro de *Bruno*, e êste de Afonso Lopes Vieira que no momento nos poisa sobre a banca? «O Encoberto», segundo a poderosa cerebração de Teófilo Braga, é «o *idial messiánico*, não já religiôso nem nacional, – mas humano.» E acrecenta o genial escritor: – «Essa incógnita da nova vida tem de se desvendar pela demolição de acanhados pardieiros que nos asfixiam. Mas éssa demolição poderá faser-se desmontando as peças arcáicas e gastas, ou fasendo-as voar em estilhaços. Qual dos processos seguir? Aqui, as condições persistentes é que influirão na escôlha. O poeta, seguindo o seu temperamento mais emocional ou filosófico, idealisará o da sua simpatia».

Lopes Vieira, muito mais lírico que sociólogo, escolheu o primeiro dos processos apontados. O seu ataque á Iniquidade é feito a jatos d'emoção, nem sempre despidos dum tal ou qual misticismo. Assim, se o seu «Encoberto» não consegue entusiasmar-nos decididamente – a nós, pelejadores dum Idial que – tão vasto e complexo êle é! resume em si teorias novas em Economia como em Educação, em Arte como em Amor – desperta-nos, no emtanto, uma bem marcada simpatia. Ha, mesmo, através as laudas dêste volume, passagens a vincar pelo seu forte humanitarismo. Assim o *côro dos cavadôres*, cavando, cavando sempre, mas a amaldiçoarem a terra que regam com o suor e lhes não dá, a êles, o pão proprio e o dos filhos; assim o côro de todos os desgraçados, de todos os calcados, pedindo, em meio de cruciantes gritos, desesperantes lamentações, – «*Vida! Luz! Amor! Pão! Ar! Liberdade!... Pão para cada boca! Verdade p'ra cada alma!*»

Quanto á fórma, á fatura artistica dos versos de Lopes Vieira, pouco teremos a exteriorisar: o autor é demasiado conhecido e aclamado, para que se façam mister largas apreciações. Tão só adusirêmos que o modernismo formal de versos em variada medida sucedendo-se desordenadamente, á *négligé*, por Lopes Vieira seguido, em parte, no *Encoberto*, – nos não parece o mais próprio a gravar fundo, pela harmonia, pelo ritmo, a nótula emocionista que pretende salientar. Isto, muito embora tal modernismo haja sido adotado, entre outros, por Junqueiro na sua serie de *Orações*.

A Lopes Vieira, um grato apêrto de mão pela oferta benevolente.

* * *

Para a minha filha, de Alfrêdo Pimenta. – No proprio instante em que ia a entrar na máquina a *Luz e Vida* presente, entra-nos portas a dentro o anunciado poemêto do nosso bom amigo e camarada, Alfrêdo Pimenta. A rápida leitura que dêle fisémos – nós que do seu alto valor tinhamos, já, uma bem nítida ideia pelo excérto aqui publicado hôje – deixou-nos a mais favoravel e consoladôra impressão.

Com um abraço ao talentoso camarada, a promessa de rasgada apreciação no número subsequente.

* * *

Amôr e Liberdade e A Humanidade. – O primeiro dêstes titulos pertence a

uma bem cuidada revista de sociologia, siensia e arte, ha tempos suspensa, e que reaparece agora com brilho e valentia; o segundo é o dum quinsenário de propaganda e crítica, dirigido por um camaráda devéras experimentado já nas lutas fadigosas da pêna, e de que surgiu agora, em Lisboa, o número inicial.

* * *

Têmos recebido, entre outras publicações, *A Revista*, mensário de siensias e lêtras, do Porto; *Tierra y Libertad*, *El Ideal del Pueblo*, *El Autonomista* e *Progrés*, d'Espanha; *Les Temps Nouveaux*, de Paris; *A Instrução do Povo*, de Lisboa.

A toda a imprensa que para com a *Luz e Vida* ha tido as mais benévolas frases d'acolhimento, — a nossa gratidão.

* * *

— Recebêmos ainda: *Impressionistas*, *Civilisação e Hipocrisia*, *Boas-festas*, *Querêmos luz!* *Gritos*, quasi toda a parte restante da obra, já grande em número e em valor, de *José Augusto de Castro*; da *snr.ª D. Maria Pinto Figueirinhas* o seu volume de *Contos para as Crianças;* do nosso ilustre colaboradôr *Eduardo d'Almeida*, o romance social *Na lama*, ha dias dado a lume, e de que no número subsequente falarêmos com larguêsa. E' ésta uma obra que vivamente recomendamos e aplaudimos. Tambem recebemos: *O 1.º de Maio e o salariado*, e *Cristianismo e Rasão*.

NÓS.

A' maldade das leis, á iniquidade dos codigos, devem os homens uma parte das suas desditas. Se ha leis barbaras e monstruosas, mais barbaros e monstruosos são ainda os carrascos que as applicam. E tal é o caso da lei de 13 de fevereiro que emparelha em deshumanidade com o que de mais feroz e cruel se conhece nos annaes da Inquisição.

A lei de 13 de fevereiro é o Santo Officio resuscitado!

Lisboa, Abril, 1905.

MAGALHÃES LIMA.

Acima do hómem feito, por muito desgraçado que seja, está a criança. Este ser debil não tem direitos e depende do capricho, benevolo ou cruel.

Nada o protege contra a necedade, a indiferença ou a preversidade dos que são seus amos.

Quem lançará, pois, em seu favôr, o grito de liberdade?

ELISEU RECLUS.

EDITOR RESPONSAVEL
Joaquim do Carmo.

TIP. UNIVERSAL
Trav. de Cedofeita, 54